

A CIDADE PALEOCRISTÃ DE MIRTYLIS

Cláudio Torres
Campo Arqueológico de Mértola

Muito antes das Guerras Púnicas que viriam a acelerar a abertura da Lusitânia a uma nova forma de colonização, já na antiga cidade de Myrtilis habitava uma comunidade de mercadores, cujos negócios se relacionavam directa ou indirectamente com o Oriente Mediterrânico. Esta cidade e o seu longo e destacado papel histórico seriam incompreensíveis sem este convívio permanente com as grandes rotas marítimas enquanto estas não começam a desviar-se para Lisboa e a abrir-se ao Atlântico.

O ouro, extraído quase puro nos *chapéus de ferro* de toda a faixa piritosa e a prata explorada nas jazidas de galena das serras da Adiça e de Portel, foram a mais antiga e decisiva motivação para um prolongado intercâmbio com os mercados consumidores do Oriente. Com a expansão e consolidação do Império Romano, Mértola, importante testa-de-ponte militar, torna-se também o porto de escoamento agrícola dos férteis barros de Beja, cidade que entretanto se tornara a capital provincial.

Esta actividade portuária que foi a sua primeira razão de ser, vai acompanhar o desenvolvimento da cidade praticamente até à sua conquista pela Ordem de Santiago, em 1238, dando-lhe um carácter marcadamente cosmopolita e portanto ponto de chegada de novas gentes e novas ideias.

*

Com o descontrolo político-militar dos séculos IV^o V^o, por conseguinte, com a insegurança dos caminhos marítimos que afectava os grandes portos comerciais no seu relacionamento com a capital do Império, seria de esperar uma consequente decadência da cidade portuária do Guadiana. Ao

contrário, porém, são sensíveis importantes modificações na estrutura urbana da cidade, onde os poderes locais e os seus interesses financeiros parece não terem sido muito lesados. Todo o casco urbano recebe uma formidável cintura de muralhas com a extensão aproximada de um quilómetro e o conjunto monumental da *acrópole*, perdidas completamente as funções cénicas do Império, é também profundamente remodelado. Em finais do século III é construído sobre o *forum* um edifício balnear cujos luxuosos revestimentos só seriam justificáveis com a existência na cidade de uma certa oligarquia habituada aos prazeres da vida. Uma pequena piscina octogonal, parte integrante deste edifício, seria, na centúria seguinte, adaptada a baptistério e utilizada como anexo litúrgico do espaço basilical do *forum* já então cristianizado. Será certamente nessa altura que o *criptopórtico* ultimamente posto a descoberto, passa a ser utilizado como cisterna.

Durante o século V, quando o cristianismo já se tornara religião obrigatória, serão também erguidos, pelo menos, dois templos funerários fora de portas, ladeando a grande via Norte-Sul que seguia em direcção a Beja: a grande basílica do Rossio do Carmo, agora musealizada e uma outra, aparentemente mais modesta, situada junto ao rio, no local da antiga capela dos pescadores e que no século passado tinha como orago Sto. António. Embora, aparentemente, sem qualquer contexto arquitectónico, algumas impostas e ábacos insculpturados permitem suspeitar da existência de um outro santuário paleocristão no local da mesquita, hoje igreja matriz. Neste sítio privilegiado, aproveitando as ruínas de um provável templo de culto imperial, terá sido erguida, no decurso do século VI, uma igreja dedicada ao culto palatino em subs-

tituição da basílica do *forum* e do seu baptistério, que, desde então, entram em ruína definitiva. Também intra-muros, nas imediações da porta de acesso às instalações portuárias, será de admitir a existência de uma outra capela, dados os fragmentos de cancela encontrados no local e cuja gramática decorativa aponta para uma cronologia de inícios do século VII.

*

Na Hispânia romana, como em todo o Ocidente, o cristianismo penetrou por duas vias principais que, de certa forma, definem as duas formas de culto que vão persistir até à islamização. Uma delas, não certamente a primeira, mas que se expande rapidamente, é desencadeada pelo Édito de Constantino de 313. A partir dessa data e até 360, sucessivas ordens administrativas vão impondo a adaptação dos antigos templos à nova religião oficial, em detrimento de outros grandes cultos solares, como o *mitraismo*, então relativamente bem implantado no Ocidente. Nas acrópoles urbanas o templo principal, dedicado com frequência ao culto imperial e que servia as classes mais abastadas, muda ele também de orago. Muitas vezes com pequenas adaptações arquitectónicas, passa a ser igreja ou capela palatina.

A outra grande via de cristianização seguiu um itinerário mais antigo e tortuoso. Através dos contactos entre mercadores e marinheiros e sobrepondo-se às velhas doutrinas iniciáticas de salvação e dos mistérios, que até então tinham alimentado as esperanças de todos os deserdados, a nova religião cristã, na sua vertente de culto aos mortos, implanta-se profundamente nos bairros pobres e nos portos de todos os mares, em concorrência directa com o judaísmo. Os seus locais de culto sobrepõem-se, sem excepção, a antigas necrópoles exteriores à cidade, onde um ou outro mausoléu antigo, sacralizado em *martirium*, passa frequentemente a constituir o pólo unificador de toda a comunidade nos seus rituais de identificação com os antepassados. Depois de oficializada a devoção, ergue-se no local uma basílica funerária cujo espaço se vai alargando à medida que se pretende que o tecto sagrado a todos cubra.

Fora dos circuitos urbanos e por vezes não muito longe das grandes vias de comunicação, embora sem contactos directos com a cidade, muitas comunidades de camponeses e pastores vão lentamente envolvendo os seus velhos deuses sazonais com vestes cristãs, sem no entanto esconder as marcas de um difuso e teimoso politeísmo.

Ao contrário deste mundo rural, naturalmente

mais conservador, as comunidades de mercadores, que eram a elite social da cidade, seriam, manifestamente, mais permeáveis à inovação. A nova religião, no seu proselitismo universalista e conivência com o poder político, além de ser mais atraente, encontrava o armador e homem de negócios predisposto, pela sua própria condição e mentalidade, não só a submeter-se à nova autoridade como, sobretudo, a identificar-se inteiramente com as novas ideias. Não será descabido admitir que, nos centros portuários e comerciais, a mudança de religião dominante tenha sido radical, no espaço de uma só geração. Os ritos funerários e o seu culto, muito mais arraigados aos locais e hábitos dos antepassados, levam mais tempo a modificar-se e muitas vezes é preciso deixar apagar a memória de algumas gerações.

*

Neste período conturbado em que o Império do Ocidente se vai desagregando lentamente, Myrtilis parece não ter sido afectada pela desordem política que na Península Ibérica antecedeu o esforço centralizador de Toledo. O sítio singular que ocupa e a sua poderosa máquina defensiva, permitem-lhe organizar um novo espaço de sobrevivência, assente no controlo regional das principais vias de comércio. Conduzidos por uma elite de comerciantes de origem oriental –como é bem patente na colecção epigráfica deste museu– os negócios das gentes da cidade estariam, nessa altura, directamente ligados tanto a Cartago e a Tripoli, como também às outras grandes metrópoles do Oriente. Além de uma comunidade judaica –de que a lápide exposta no Museu Paleocristão de Mértola é a prova mais antiga na Península Ibérica– destacam-se, neste importante acervo lapidar, algumas epígrafes escritas em grego e que merecem uma análise especial. Entre vários fragmentos incoerentes avultam três pedras tumulares que permitem colher alguma informação. Uma delas, de grande formato, contém três inscrições funerárias: na parte superior da lápide: *Aqui está sepultado Êutiques, leitor, natural da Líbia filho de Zozimo Isidórito viveu 21 anos; faleceu na era de 583* (ou seja, 544 da nossa era); segue-se, num registo intermédio: *Aqui está sepultado o presbítero Patriquis (Patrício), filho de Guerasimoi (Gerásimo);* e por fim um terceiro epitáfio, incompleto devido a fractura, do qual é possível lêr-se apenas: *aqui está sepultado(...) nos idos de...* Além destes, apenas é conhecido, entre as cinco inscrições em grego da basílica de Mértola, o nome de mais um outro personagem e que, curio-

samente, já é nosso conhecido: *Aqui está Êutiques (liberto ou filho) de Estamínias, de 28 anos de idade.*

O facto de em três apelidos conhecidos dois deles serem idênticos, passaria por simples coincidência, se Êutiques fosse um nome vulgar. Assim era chamado o fundador da heresia *euti-quiana* ou *monofisita* que a partir de finais do século V passa a ser preponderante em Alexandria e nas principais cidades que no Oriente vão combater a ortodoxia de Bizâncio. Esta heresia, assim como o *arianismo* e mais tarde o *monotelismo*, contestam fundamentalmente o que pode ser considerado como a vertente politeísta do dogma católico da *Trindade*, defendendo o conceito de um Deus Pater superior, com uma só natureza e uma só vontade. Não podemos deixar de constatar que será este princípio rigidamente monoteísta a servir de bandeira ao expansionismo do Islão, ao qual vão aderir desde o primeiro momento as cidades e territórios onde a influência monofisita era dominante, como era o caso da Arábia, Síria e Egipto.

Outro aspecto a considerar neste conjunto funerário é o facto de pelo menos três destes indivíduos pertencerem provavelmente a uma mesma família de elevados pergaminhos sociais. Os seus epitáfios estão gravados sobre uma mesma tampa de sepultura (seguindo certamente a ordem cronológica do falecimento) e as funções de *leitor* e *presbítero* dos dois primeiros –os únicos completos– denunciam o seu elevado estatuto na sociedade mertolense. A sua linhagem ilustre é claramente afirmada pela utilização dos patronímios quando em todas as outras lápides, sem excepção, é apenas lembrado o nome de baptismo. Não creio, além disso, ser por acaso que Patrício se encontra entre os apelidos utilizados por este grupo familiar. Este nome, embora relacionável com a antiga estirpe dominante da sociedade romana, a partir de meados do século IV é investido de nova representatividade social em virtude de Constantino lhe ter atribuído um estatuto de dignidade nobiliárquica.

Parece estarmos na presença de uma série de personagens –pertencentes à mesma família?– que, ao longo de várias gerações, desempenharam um importante papel político e religioso na cidade de Mértola, conduzindo os destinos da grande basílica funerária da cidade. Seria um grupo social ou uma família aristocrática igual a tantas outras se não fora a presença ostensiva e repetida do nome de Êutiques que, pelo menos, faz lançar suspeitas sobre o seu ortodoxismo religioso e fidelidade papal. Não podemos esquecer que, menos de

uma centúria antes, um Concílio oficial da Igreja reunido na Macedónia (em 451) condenara a heresia *euti-quiana* ou *monofisita*, que, a partir de então, passou a constituir a fundamentação dogmática da Igreja cismática de Alexandria.

Porém, esta aparente heterodoxia na classe política mertolense já parecerá menos insólita se relacionarmos alguns aspectos da política ibérica dessa época com o expansionismo bizantino. Durante quase todo o século VI os reis de Toledo, sob a bandeira do arianismo, combateram o Império Católico do Oriente, que chegou a ocupar militarmente vastos territórios da Bética e a pressionar o Algarve e o vale do Guadiana. Nesta luta político-religiosa, algumas zonas urbanas do sul peninsular, identificadas ou aliadas ao arianismo –ele também anti-trinitário como o monofisismo– teriam certamente reforçado o seu relacionamento ideológico com as comunidades de mercadores do Oriente e, portanto, com a própria Igreja de Alexandria, já nessa altura hostil à hegemonia do Império Bizantino.

Depois do Concílio de Toledo, de 589, em que Recaredo proclama a conversão do seu reino ao catolicismo, é muito provável não ter havido qualquer resistência dos mercadores de Mértola, sempre dispostos, como todos os comerciantes, a submeter-se à autoridade e a negociar e defender o intercâmbio de mercadorias e ideias –postura que desde sempre foi a sua razão de ser e que os levaria a abraçar, um século depois, sem grandes hesitações, o Islão triunfante.

Seria, pelo menos, ousado afirmar que a grande basílica de Mértola teria sido a casa de culto de uma comunidade herética ou cismática. O que é importante destacar é a contingência dos limites que separam nessa altura, ao longo de todo o Mediterrâneo, as várias seitas e cismas religiosos. Não é um concílio oficial ou a conversão política de um qualquer monarca que fazem desviar os crentes dos seus hábitos e princípios. De todo este debate generalizado de ideias, princípios e dogmas, vai emergir durante o século VII a nova síntese religiosa do Islão, que rapidamente se afirmou nas áreas mais urbanizadas do mundo mediterrânico, nomeadamente naquelas cidades onde já eram francamente maioritárias as heresias cristãs de tipo unitariano.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, CARLOS ALBERTO FERREIRA DE, 1986. *Arte da Alta Idade Média* in História da Arte em Portugal, vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa.

- ALMEIDA, FERNANDO DE, 1962. *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa.
- CABALLERO ZOREDA, LUIS 1989. Pervivencia de elementos visigodos en la transición al mundo medieval. Planteamiento del tema in *Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I, Universidad de Oviedo, pp. 111-134.
- CERRILLO MARTIN DE CACERES, ENRIQUE, 1989. CSIC. El mundo funerario y religioso en época visigoda in *Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I, Universidad de Oviedo, pp. 89-110.
- CORREIA, FERNANDO BRANCO, 1993. Catálogo in *Museu Regional de Beja-núcleo visigótico*, Beja, Assembleia Distrital / Museu Regional.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1984. Cinco novos epitáfios paleo-cristãos de Mértola in *Ficheiro Epigráfico*, nº 9, Universidade de Coimbra, pp. 3-13.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES, 1987. Fragmentos de um epitáfio do século V in *Ficheiro Epigráfico*, nº 21, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES, 1987a. A inscrição funerária paleo-cristã de Silbanus in *Ficheiro Epigráfico*, nº 21, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992. O epitáfio paleo-cristão de Festellus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992a. O epitáfio paleo-cristão de Leopardus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992b. Fragmentos do epitáfio paleo-cristão de Stefanus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992c. Fragmentos de um epitáfio grego paleo-cristão (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992d. Epitáfio grego paleo-cristão (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 42, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES et. al., 1992e. Pequeno fragmento de epitáfio grego paleo-cristão (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, nº 42, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES, 1993. Epigrafia in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 103-138.
- FERREIRA, FERNANDO B., 1965. Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola in *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, pp. 59-72.
- LOPES, VIRGÍLIO et. al., 1993. A necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião em Mértola in *Arqueologia Medieval*, nº 2, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento, pp. 17-29.
- LOPES, VIRGÍLIO, 1993a. *Materiais arqueológicos in Museu de Mértola - Basílica Paleocristã, Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 67-100.
- MACIAS, SANTIAGO, 1992. A basílica paleocristã e as necrópoles paleocristã e islâmica de Mértola: aspectos e problemas in *XXXIX Corso di cultura sull' arte ravennate e bizantina*, Ravenna, Edizione del Girasole, pp. 401-434.
- MACIAS, SANTIAGO, 1992. Um espaço funerário in *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã, Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62.
- PALOL, PEDRO DE, 1967. *Arqueologia cristiana de la España romana*, CSIC Madrid.
- PUERTAS TRICAS, RAFAEL, 1975. *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII) - testimonios literarios*, s.l., Ministerio de Educación y Ciencia.
- VEIGA, SEBASTIÃO ESTÁCIO DA, 1880. *Memória das Antiguidades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIVES, JOSÉ, 1942. *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, CSIC Barcelona.